

## 1. A propósito da função simbólica das palavras\*

pequena história verdadeira de um bebé, de um chapéu e de uma primeira gargalhada

Freud escreveu que é no jogo do Fort! Da! — em francês “*Coucou! Ah, le voilà!*” — que está a origem da linguagem.

Os fonemas “*Coucou!*”, que significam “não está”, exprimem a certeza, partilhada com outro ser humano, da existência do objecto, bem como “*Ah, le voilà!*” que significa “eu reconheço-o, de novo, eu, ele, tu, nós, na ausência e na presença”.

Lembro-me com emoção de um jogo com um bebé de nove meses que encontrei um dia num jardim público com a mãe. Estava sentado no seu carrinho. Eu era na altura ainda muito jovem. Ele não me conhecia. A mãe dizia que era lento e pouco sociável. Ainda não falava e, para o divertir, dei-lhe o meu chapéu que, segundo me parecia, tinha atraído a sua mão direita e o seu olhar. Disse-lhe:

— Chapéu.

Apresentando-lhe o objecto, mas ele não quis tocar-lhe. Então, mudei a posição do objecto no ar, à distância, o que *modificava* a sua forma e os seus contornos, e repeti:

— Chapéu.

A criança, que de início se tinha recusado a tocar no objecto, estendeu novamente a mão direita, a mesma que tinha estendido em direcção ao chapéu quando eu ainda o tinha na cabeça e, agora con-

\* Publicado em *Pratique des mots*, Agosto de 1969.

fiante, sem retirar a mão aceitou que eu fizesse com que o chapéu lhe tocasse. O chapéu foi a seguir colocado por mim, à sua frente, sobre o cobertor do carrinho. Observou-o atentamente sem lhe tocar, as duas mãos colocadas sobre o cobertor, de um lado e outro (do chapéu). Enquanto ia conversando com a mãe, aproximei o chapéu da sua mão esquerda, que ela retirou, deixando a mão direita perto do objecto. Disse-lhe, então:

— Pega no chapéu.

E, com as minhas mãos, aproximei as dela do chapéu. A criança olhou-me, intrigada talvez com esse contacto táctil e deixou ficar as mãos tal como eu as tinha colocado. Disse-lhe:

— Sim, o chapéu da senhora.

Depois voltei a pôr o chapéu na cabeça. Estendeu então as duas mãos. Entreguei-lhe o chapéu e, toda satisfeita, *agarrou-o*. Começou então a levantá-lo com ambas as mãos, de braços estendidos, e a fazê-lo cair sobre o cobertor para o levantar novamente e voltar a atirá-lo. A cada um destes gestos eu dizia-lhe:

— Lindo chapéu.

Parecia encantada, muito ocupada com o objecto. Após uns momentos deste jogo, em menos tempo do que leva a dizer-se, o chapéu estava *borda fora*, à direita do carrinho. A mãe disse:

— É o seu jogo favorito, por isso não lhe dou nada, atira tudo ao chão.

O bebé, entretanto, olhava nitidamente na direcção da *minha cabeça*, procurando voltar a ver aí o chapéu. Apanhei-o do chão para lho devolver, mas já não estava interessado. Portanto, pus o chapéu na cabeça continuando a conversar com a mãe, quando o bebé, contente, pareceu que ainda o queria. Agitava os braços, com a cara animada, sacudindo o assento do carrinho, apontando o chapéu. Devolvi-lho. Atirou-o imediatamente ao chão, e isto várias vezes seguidas, para sua grande alegria. Já não era preciso que eu voltasse a pôr o chapéu na cabeça. A criança estava à espera que o objecto reaparecesse, olhando para mim e para as minhas mãos, silenciosamente absorta. Assim que o objecto estava em cima do cobertor, convicta, decidida, rápida, atirava-o *borda fora*. A certa altura, disse-lhe:

— Chapéu no chão!

E apanhei-o como anteriormente. Olhou para mim, atenta, séria, um pouco confusa, antes de voltar a colocar as mãos sobre o cha-

péu. Mas, feito isto, imediatamente o chapéu voltava novamente para o chão e a criança, tranqüila, aguardava.

Pensa agora o leitor já saber tudo sobre esta história? De modo algum! Disse-lhe, a rir:

— Jacques atirou o chapéu ao chão outra vez! Oh!

Então, enquanto me baixava para apanhar o chapéu, o bebê inclinou-se com esforço, agarrando-se com as duas mãos na borda do carrinho, para *olhar o objecto que eu apanhava*. Um pouco cansada da brincadeira, disse-lhe:

— Não, agora acabou...

A criança aceitou e recuperou a sua atitude habitualmente contida, olhando com ar indiferente o chapéu que tinha voltado à minha cabeça. Mas o jogo não tinha acabado...

Eu continuava a conversar com a mãe e a criança de tempos a tempos resmungava, agitava-se no assento, sacudindo o carrinho, ou seguindo com os olhos outra criança no jardim, que gritava ou corria.

Querendo retomar a conversa com ela, disse-lhe ainda:

— Chapéu?

Olhou para mim sem se mexer. Estendi-lhe o chapéu. Fez como se não estivesse interessada em lhe pegar, contentando-se em olhar para ele, com ar indiferente... Então, surpreendida por ela já não querer pegar-lhe nem atirá-lo ao chão, para fazer alguma coisa, voltei a dizer, claramente, mostrando-lhe o chapéu à distância, com o braço estendido:

— Chapéu!

Olhou para mim. A seguir, fazendo desaparecer rapidamente o chapéu nas minhas costas, proferi:

— *Não há chapéu!*

E, voltando a mostrá-lo:

— Chapéu!

E assim sucessivamente:

— *Chapéu! Não há chapéu!*

Cinco ou seis vezes, não sei. Estávamos os dois, eu e Jacques, atentos a este jogo, mas ele não se manifestava, nem pela motricidade nem pela mímica. Parei então e disse:

— Bem, não há chapéu.

Esperou um momento. Depois começou a agitar-se no assento, abanando os braços com pequenas inspirações seguidas de expira-

ções rápidas. Tomando isto por um pedido, fiz reaparecer o chapéu dizendo:

— Chapéu!

E deixei-o imóvel, bem à vista. Jacques agitou-se novamente. Tornei a fazer desaparecer o objecto dizendo:

— Não há chapéu!

Seguiu-se uma pausa. A criança agitou-se, pareceu-me um apelo. Era precisamente o que desejava: a aparição “chapéu” e a seguir o desaparecimento “não há chapéu”. Significava-me o seu desejo agitando-se, sem emitir qualquer som, mas eu compreendia.

Continuámos esse joguinho por algum tempo! depois, para me divertir, querendo, como se costuma dizer, fazer uma graça, comecei a pronunciar os *mesmos fonemas invertendo os gestos que os acompanhavam*, brinquei dizendo:

— Chapéu!

Fazendo desaparecer o objecto, e:

— Não há chapéu!

Mostrando-o. Jacques, de repente e pela primeira vez na vida, pôs-se a rir à gargalhada, o que, como devem calcular, me surpreendeu tanto quanto à mãe! Um riso! Um riso que se detinha, arrulhando na sua garganta, à espera do que eu iria fazer.

*Separei* então completamente as palavras do gesto, ora fazendo-os corresponder, ora não. Cada vez que eu dizia “Chapéu!” mostrando o objecto e “Não há chapéu!” escondendo-o, Jacques ficava contente e sério, na expectativa. Mas, cada vez que eu dizia o contrário do que fazia, era o regresso da hilaridade, à gargalhada. Realmente, para esse bebé e para mim, foi um bom jogo.

Esta pequena história verdadeira lembra-me que uma criança pouco comunicativa de nove meses pode conseguir ser, pela linguagem, mesmo sem pronunciar ela própria as palavras, senhora do seu desejo, que uma criança que ainda não fala não só é capaz de um jogo motor e verbal em consonância com outro ser humano, mas também já percebe a contradição entre o dizer e a experiência da realidade sensorial, e fiquei a pensar que essa “mentira” parece trazer ao jogo a dimensão humana de cumplicidade que dá todo o valor às pessoas que dominam a realidade. Efectivamente é aí que se encontra a origem do jogo de palavras, na realidade, jogo de pessoas que dominam as coisas, submetendo-as à sua função simbólica que pode

gozar tanto ou mais da contradição do que da confirmação. É a origem do humor... o chapéu era de feltro peludo, conhecido por “velours”, castanho-escuro. Qualquer coisa diz à psicanalista que me tornei que esse chapéu era, coisa e palavra, fortemente significativo para uma criança observadora de nove meses, ainda obrigada a estar calada e ainda incapaz de controlar os seus esfíncteres.

...Quantas questões levantadas por esta história de palavras e de chapéu, entre uma jovem alegre e um rapazinho brincalhão de nove meses.

— Por que razão se mostrou ele — sendo moreno, de pais morenos, e eu de cabelo escuro — atraído por essa cobertura castanha colocada *sobre* a minha cabeça, mas inicialmente indiferente a ela quando a tirei *da* cabeça?

— Por que razão não se interessou pela “coisa em si” *senão quando eu a nomeei e submeti à sua observação* ao modificar-lhe os contornos e a posição, e repetindo os fonemas? Talvez já conhecesse a palavra “chat”<sup>1</sup> e a palavra “peau”<sup>2</sup> ou “pot”<sup>3</sup>; ou talvez a palavra “chapeau”<sup>4</sup> nunca tivesse sido acompanhada de tal objecto para ser visto e de tal interacção com um ser humano?

Ele próprio não usava nem boné nem qualquer protecção na cabeça.

— Por que razão marcou um momento de surpresa ao ouvir-me pronunciar a palavra “chapeau”<sup>4</sup> seguida de “par terre”<sup>5</sup>, que de resto, eu não disse em tom zangado, antes de recomeçar o mesmo jogo? Seria porque a mãe o privava de objectos receando que os atirasse ao chão?

— Por que razão não olhou para o sítio onde o chapéu tinha caído e onde o apanhei de cada vez, antes de eu ter *pronunciado* as palavras: “Jacques atirou o chapéu ao chão”?

— Por que razão aceitou renunciar ao jogo que tinha ocupado a sua atenção depois de ter observado o local e o gesto de apanhar do

<sup>1</sup> gato.

<sup>2</sup> pele.

<sup>3</sup> bacio.

<sup>4</sup> chapéu.

<sup>5</sup> no chão.

As semelhanças fonéticas não se mantêm em português com estas palavras. (N. da T.)